

ADULTEZ EMERGENTE: UM FENÔMENO NORMATIVO?

Virginia Teles Carneiro¹, Sonia Maria Rocha Sampaio².

1. Unidade Acadêmica de Psicologia. Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campina Grande, PB, Brasil. Correspondência: Centro de Ciências Biológicas e da Saúde. Av. Juvêncio Arruda, 795 – Cidade Universitária – Bodocongó. CEP: 58109-790. E-mail: virginiateles@gmail.com.

2. Instituto de Artes, Humanidades e Ciências Prof. Milton Santos. Universidade Federal da Bahia. Salvador, BA, Brasil.

RESUMO

Na contemporaneidade, o início da adultez tem se tornado menos previsível, com contornos cada vez mais indefinidos. Apesar disso, é notório que a entrada na vida adulta tem sido postergada em virtude de uma conjuntura estrutural típica das sociedades contemporâneas industriais e pós-industriais, caracterizadas pelo prolongamento da escolarização e pelo adiamento da conjugalidade, parentalidade e inserção no mundo do trabalho. Este artigo trata da proposição de uma nova fase do desenvolvimento humano, denominada adultez emergente, considerada por alguns estudiosos um fenômeno normativo em países desenvolvidos e crescente para países em desenvolvimento. É problematizado se a adultez emergente pode ser considerada normativa nos países em desenvolvimento, ou se o adiamento da transição para a vida adulta corresponde antes a uma dificuldade de integração social e profissional, mais do que a um novo modo de significação da adultez.

Descritores: Psicologia. Desenvolvimento humano. Adulto jovem.

EMERGING ADULTHOOD: A REGULATORY PHENOMENON?

ABSTRACT

In contemporary times, early adulthood is becoming less predictable with undefined increasing contours. In spite of that, it is notorious that reaching adulthood has been postponed due to a typical structural context of contemporary industrial and post-industrial societies, characterized by the prolongation of schooling and the postponement of marriage, parenting and inclusion in the workplace. This article deals with the proposition of a new phase of human development, called *emerging adulthood*, considered by some scholars a normative phenomenon in developed countries, and an increasing one in developing countries. It is questioned whether emerging adulthood can be considered normative in developing countries, or if the postponement of the transition to adulthood corresponds to a difficulty in social and occupational integration instead, more than a new mode of signification of adulthood.

Keywords: Psychology. Human development. Young adult.

INTRODUÇÃO

A juventude é um período desenvolvimental de profunda complexidade e de difícil definição, pois não há limites claros que coloquem o jovem em uma fase nitidamente separada da adolescência e da adultez. Em termos cronológicos, a faixa dos vinte anos é comumente identificada como a época da juventude. No entanto, na contemporaneidade, as fronteiras simbólicas que revelavam a passagem entre as fases da vida estão cada vez mais tênues e os rituais de iniciação menos específicos e consistentes, o que torna o início da adultez menos previsível e com contornos cada vez mais indefinidos. Apesar disso, é perceptível que a entrada na vida adulta tem sido postergada em virtude de uma conjuntura estrutural típica das sociedades contemporâneas industriais e pós-industriais, caracterizadas pelo prolongamento da escolarização e pelo adiamento da conjugalidade, parentalidade e inserção no mundo do trabalho. Esta circunstância representa uma grande variação nos itinerários entre juventude e adultez, deixando a transição entre ambas marcada pela não linearidade e pela reversibilidade.

A juventude como construção social convive com uma série de modelos, que sozinhos não a definem, mas que são partes de sua configuração. Pode ser vista como um problema social que demanda resoluções, como um período no qual as experimentações, ensaios e erros são permitidos ou como uma fase transitória na direção da vida adulta. Esta última tem sido alvo de críticas, como se a ideia de transição acarretasse na negação da juventude no presente, sendo ela própria um devir, um momento de passagem para a vida adulta, na qual se daria sua finalização. Este artigo trata da proposição de que o início da vida adulta possui características específicas, formando uma nova configuração para o período de transição para a adultez, com contornos mais definidos, e, ao mesmo tempo, questiona se este fenômeno pode ser considerado normativo em países em desenvolvimento, visto que ele é profundamente marcado pelo contexto cultural contemporâneo de cada sociedade.

O ADULTO EMERGENTE

Um dos autores que tem se destacado nesta temática é o norte-americano Jeffrey Arnett (1-4), que defende um período distinto no curso da vida para jovens nas sociedades industrializadas, chamado adulto emergente (*emerging adult*). Segundo o

autor, a expressão adulto emergente é preferível, porque é um novo termo para um fenômeno recente. Em sociedades industrializadas, após meados de 1950, houve alterações comuns no que diz respeito à vida dos jovens: inserção cada vez maior no ensino superior, maior naturalidade em relação ao sexo antes do casamento e postergação do matrimônio e da parentalidade. Assim, o adulto emergente é produto de aspectos culturais característicos de países industrializados e pós-industrializados, onde a intensificação do individualismo tornou as práticas de socialização mais amplas e diversas, provocando o adiamento do cumprimento de tarefas desenvolvimentais normativas de entrada na vida adulta (4).

São propostas cinco características que distinguem a adulez emergente da adolescência que a precede e da adulez que virá em seguida (4). A adulez emergente é a idade das explorações da identidade, que foram iniciadas na adolescência e se tornarão menos transitórias. Há uma maior liberdade, menor controle dos pais e pouca pressão para a assunção de compromissos típicos da adulez, de modo que, por exemplo, os jovens podem explorar diferentes empregos enquanto são sustentados pelos pais, que, na maioria das vezes, estão dispostos a financiar certos gastos dos filhos enquanto eles buscam a independência financeira. Assim, o adulto emergente vivencia também a idade da instabilidade, visto que no curso dessa exploração identitária os jovens trocam de emprego; de parceiros amorosos, podendo ou não haver coabitação; alteram a direção de seus estudos, que podem ser interrompidos visando inserção no mercado de trabalho, e, posteriormente, ser reiniciados. É a fase do centramento em si mesmo, pois a exploração das possibilidades também provoca a necessidade de tomar decisões, gerando insegurança e incertezas, mas possibilitando a consolidação do desenvolvimento identitário. Outra característica dessa fase é o sentimento de “se sentir entre” (4), visto que os adultos emergentes não se sentem nem adolescentes nem adultos, mas sim no caminho para a adulez. Finalmente, a adulez emergente é a idade das possibilidades, na qual as expectativas para a vida adulta tendem a ser positivas, visto que os jovens nessa fase criam uma imagem idealizada acerca do futuro.

Os estudos corroboram a ideia amplamente aceita de que há cobranças para cumprimento de tarefas desenvolvimentais como a inserção no mercado de trabalho, a independência financeira, deixar a casa dos pais e o estabelecimento de uma vida conjugal estável (1). No entanto, ele também afirma que estas tarefas precisam ser relativizadas, pois não há uma ordem definida entre elas e nem todos vão passar por todas estas experiências. Um ponto que tem se mostrado relevante é o aspecto

subjetivo da adultez, ou seja, o jovem julgar a si mesmo como adulto, mesmo sem ter cumprido estas tarefas. Ao entrevistar 346 jovens (5), verificou-se que dois terços da amostra se consideravam adultos apenas em parte. O critério mais importante para marcar a transição para a idade adulta é o aspecto individualista (70% da amostra), referindo-se particularmente ao jovem aceitar a responsabilidade pelas consequências de suas ações, decidir sobre crenças e valores de forma independente dos pais ou de outras fontes de influência e estabelecer uma relação igualitária com os adultos. De forma contrastante, o cumprimento de tarefas desenvolvimentais foi considerado importante apenas por 20% dos jovens. Este resultado é compatível com estudos realizados em outros países considerados desenvolvidos e com diferentes tradições culturais, como Argentina (6), Israel (7) e Grécia (8).

ADULTEZ EMERGENTE EM DIFERENTES CULTURAS: DIFERENÇAS E SIMILARIDADES

Há um alerta para o fato de o estudo sobre o adulto emergente ainda ser um ponto de partida para novas pesquisas que poderão investigar padrões deste novo período (3). Além disso, mesmo havendo estudos que corroboram o que foi encontrado pelo autor, as características da adultez emergente, sem dúvida, variam de uma cultura para outra, principalmente no que se refere ao nível socioeconômico e ao grupo étnico. A classe social é inquestionavelmente um importante elemento para a vida do adulto emergente, assim como em outras fases. As pesquisas referem-se especialmente à decisão de cursar ou não o ensino de nível superior, que terá repercussões para além da fase vivida pelos adultos emergentes. Para aqueles que possuem a educação além do nível secundário, suas vidas são estruturadas em torno do estudo (4). Muitos trabalham meio período para se sustentar e pagar despesas educacionais, o que torna suas vidas muito ocupadas. Aqueles que não estão estudando, mas trabalhando ou procurando um emprego, enfrentam o formidável desafio de encontrar um emprego bem remunerado que não exija muitas credenciais educacionais, o que tem se tornado cada vez mais raro. Além disso, as perspectivas futuras variam muito para esses dois grupos, pois aqueles com educação de nível superior provavelmente terão uma ascensão ou pelo menos a manutenção em uma classe social mais elevada do que aqueles que não o fizeram, em termos de renda e condição ocupacional.

No entanto, defende-se que a adultez emergente é um fenômeno comum aos países membros da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que possuem economias de alta renda com um alto Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) (4). O autor afirma que a adultez emergente é normativa para esses países, havendo variabilidade na forma como essa fase é experienciada.

Apesar de a classe social ser crucial para definir como os anos entre os 18 e os 25 são experienciados, pessoas nessa faixa etária podem ser designadas de adultos emergentes independente de sua classe social. Neste aspecto, afirma-se que o adulto emergente é um fenômeno demográfico, visto que a partir da segunda metade do século XX houve um aumento substancial na idade média para o casamento e para a parentalidade em países membros da OCDE, que ocorre por volta dos 30 anos (4). Jovens de classes sociais mais baixas entram nesses padrões um ou dois anos mais cedo que seus pares de classe média e alta, mas a maioria deixa um período de pelo menos seis anos entre o final do ensino secundário e a entrada na vida adulta, o que é considerado tempo suficiente para reconhecer que há uma fase distinta entre a adolescência e a adultez.

As pesquisas indicaram outras semelhanças entre os adultos emergentes norte-americanos de diferentes classes sociais, além das similaridades demográficas (4). Tanto para a classe baixa/trabalhadora como para a classe média, a época dos 20 anos é tempo de experimentar possibilidades diferentes no amor e no trabalho e gradualmente assumir compromissos mais estáveis, sendo a instabilidade algo comum. Ambos os grupos possuem expectativas altas com o futuro, embora as perspectivas reais para aqueles com educação relativamente baixa não sejam favoráveis.

Através de estudos transculturais, são citados alguns exemplos de variação de experiências dos adultos emergentes entre os países da OCDE, como na região da Europa, onde a adultez emergente é mais longa e vagarosa, fruto de maior igualdade social e dos benefícios concedidos pelo governo, como acesso ao ensino superior, auxílio desemprego e auxílio moradia (4). Os adultos emergentes europeus aproveitam ao máximo essas vantagens. O Leste Europeu rapidamente se dirige para o modelo de adultez emergente do Oeste da Europa. Na República Tcheca, a liberdade para trabalhar, viajar e estudar durante os vinte anos é bastante aproveitada. No Japão e na Coreia do Sul, assim como na Europa, eles casam e têm filhos mais tarde, por volta dos 30 anos. Também usufruem do apoio social, como educação

universitária livre e seguro desemprego. Porém, em outros aspectos, a experiência da adultez emergente nos países asiáticos da OCDE é diferente da Europa e dos Estados Unidos (EUA), na medida em que a cultura asiática enfatiza o coletivismo e as obrigações familiares. Algumas subculturas do ocidente (2), como o grupo religioso dos mórmons (9), e, majoritariamente, culturas orientais, como a China (10), tendem a enfatizar os objetivos, necessidades e visões da família e comunidade mais do que os fatores individualistas. Eles também exploram a identidade durante essa fase, mas com limites menores por causa do senso de obrigação com os outros, especialmente seus pais. Enquanto nos EUA a independência financeira é um dos mais importantes marcadores para a adultez, em contraste, na cultura asiática, adultos emergentes enfatizam a capacidade de sustentar os pais financeiramente. No Japão há um termo pejorativo, os “solteiros parasitas”, para os adultos emergentes que estendem sua exploração de identidade para além dos 30 anos (4).

Outra notável diferença entre o Ocidente e a Ásia com relação à adultez emergente é a sexualidade. No Ocidente, o sexo antes do casamento é normativo no final da adolescência, ou seja, mais de uma década antes do casamento. Nos EUA, Canadá, Norte da Europa e Europa Oriental, coabitar é normativo, visto que a maioria das pessoas coabitou pelo menos uma vez antes de casar. No Sul da Europa, a coabitação ainda é um tabu, mas o sexo antes do casamento é tolerado na fase da adultez emergente. Em contraste, tanto o sexo antes do casamento como a coabitação continuam raros e proibidos na Ásia. Os namoros são desencorajados até os vinte e tantos anos, quando pode haver um prelúdio de uma relação séria que levará ao casamento. Os pais geralmente provêm uma lógica educacional que justificam que os adolescentes e os adultos emergentes devem evitar o namoro e enfatizar os estudos. Numa comparação transcultural, $\frac{3}{4}$ de adultos emergentes nos EUA e Europa afirmam ter tido sexo antes do casamento por volta dos 20 anos, versus menos que 20% no Japão e Coreia (4).

UM FENÔMENO CRESCENTE PARA PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO?

Com relação aos países em desenvolvimento, entre os quais se inclui o Brasil (4), a adultez emergente é um fenômeno crescente, mas não normativo como nos países da OCDE. Demograficamente, nos países em desenvolvimento, assim como nos países da OCDE, as idades médias para entrar no casamento e na parentalidade tem aumentado nas décadas recentes, bem como a proporção de pessoas que

possuem educação pós-secundária. No entanto, atualmente é apenas uma minoria de jovens nos países em desenvolvimento que experimentam algo semelhante à adulez emergente. A maioria dessa população ainda casa por volta dos 20 anos e conclui os estudos por volta da adolescência.

Para jovens de países em desenvolvimento, a adulez emergente existe apenas para o rico segmento da sociedade, principalmente a classe média urbana, enquanto os pobres das zonas rurais não passam por essa fase e podem até mesmo não passar pela adolescência, por sua inserção precoce no trabalho adulto e também se casam e têm filhos relativamente cedo (4). Entretanto, com o desenvolvimento econômico, a proporção de jovens que experencia a adulez emergente aumenta junto com a expansão da classe média. Apesar dos padrões da adulez emergente aumentarem nos países em desenvolvimento, até o momento há poucas pesquisas que possam lançar luz sobre quem experencia a adulez emergente nesses países ou como ela é vivenciada (4). No entanto, com o aumento das classes médias urbanas nos países em desenvolvimento, a adulez emergente poderá se tornar um estágio normativo mundial, mesmo que continue mostrando variações entre culturas (4).

Alguns autores questionam se a adulez emergente é realmente um fenômeno normativo considerando os países em desenvolvimento. Em um estudo que compara os contextos brasileiro e português (11), afirma-se que a maioria das pesquisas sobre a adulez emergente foi realizada com estudantes universitários de classe média branca, sendo incerta a generalização das características da teoria em relação a jovens de diferentes meios socioeconômicos e educacionais, especialmente em países nos quais as políticas de apoio social e educacional não são tão acessíveis à população como em outros países onde foram realizados estudos sobre o fenômeno em questão. Neste sentido, é preciso que pesquisas sejam realizadas nessas sociedades para verificar se o adiamento da transição para a vida adulta corresponde antes a uma dificuldade de integração social e profissional, mais do que a um novo modo de significação do se tornar adulto.

No entanto, na teoria da adulez emergente, insiste-se na perspectiva de um estágio normativo com muitos padrões. Acredita-se que teorias velhas conhecidas da psicologia do desenvolvimento, como as de Freud, Piaget, Erikson e Kohlberg cometeram o equívoco de conceituar os estágios do desenvolvimento como uniformes e universais (12). É preciso pensar os estágios do desenvolvimento de uma nova forma, pois eles podem ser um enquadramento muito útil para compreender o

desenvolvimento humano, contanto que sejam delineados por contextos de classe social, etnia, cultura, nacionalidade e outras influências (12). Neste sentido, não apenas a adultez emergente, mas todas as fases da vida deveriam ser reconhecidas tendo múltiplos padrões, pois assim como não há um único tipo de adulto emergente entre os países, há também muitos padrões para infância, adolescência e adultez, o que só poderá ser mais bem esclarecido através de pesquisas comparativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os esforços de Arnett para compreender a juventude contemporânea através de pesquisas transculturais são uma pequena amostra do quão complexa é a teorização acerca da juventude e da adultez. De fato, os estudos atuais sobre juventude não a enquadram em uma única categoria social, pois os estudiosos percebem que há características particulares que diversificam os grupos. Pode-se afirmar, por exemplo, que os recortes sociais e culturais como estratificação, cor, classe social, urbanização, gênero, entre outros, transformam a interpretação do jovem com relação às *juventudes*, e não apenas relacionada à categoria do não jovem (13). O cotidiano das diversas juventudes é diferente no que se refere a hábitos locais, globais e culturais.

Outros autores têm focado a não linearidade da transição para a vida adulta (14-18), na qual se considera que a sequência tradicional: saída da escola, inserção no mercado de trabalho, casamento e constituição de família não corresponde à juventude contemporânea. Isso não antagoniza com as ideias de Arnett acerca da adultez emergente, visto que ele afirma que ela depende da classe social, da cultura e possivelmente de outras características, como gênero e grupo religioso. É notório que o cumprimento de tarefas desenvolvimentais relativas à adultez representa mudanças na vida do jovem, e que o desenvolvimento psicológico interatua com as contingências sociais, no entanto, é imperativo que novas pesquisas transculturais sejam realizadas para verificar se a adultez emergente verdadeiramente significa uma fase distinta do desenvolvimento humano, apesar das diferenças entre classe, etnia, gênero, religião, e cultura de um modo amplo.

REFERÊNCIAS

1. Arnett JJ. Emerging adulthood: A theory of development from the late through the twenties. *American Psychologist*, 2000; (55): 469-480.

2. Arnett JJ. Conceptions of transition to adulthood among emerging adults in American ethnic groups. In: Arnett, JJ, Galambos, N, editores. *New directions for child and adolescent development: Exploring cultural conceptions of the transition to adulthood*. San Francisco: Jossey Bass; 2003. p. 63-75.
3. Arnett JJ. Emerging adulthood: What is it, and what is it good for? *Child Development Perspectives*, 2007; (1) : 68-73.
4. Arnett JJ. Emerging adulthood(s): The cultural psychology of a new life stage. In: Jensen, LA. *Bridging Cultural and Developmental approaches to Psychology: New syntheses in theory, research, and policy*. New York: Oxford University Press; 2011. p. 255-275.
5. Arnett JJ. Young people's conceptions of the transition to adulthood. *Youth and Society*, 1997; (29): 1-23.
6. Facio A, Micocci F. Emerging Adulthood in Argentina. *New Directions for Child and Adolescent Development*. 2003 ; (100): 21-31.
7. Mayseless O, Scharf M. What does it mean to be an adult? The Israeli experience. *New Directions in Child and Adolescent Development*. 2003; (100): 5-20.
8. Petrogiannis K. Conceptions of the transition to adulthood in a sample of Greek higher education students. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*. 2011 ; (11): 121-137.
9. Nelson, L J. Rites of passage in emerging adulthood: Perspectives of Young Mormons. In: Arnett JJ, Galambos N, editors. *New directions for child and adolescent development: Exploring cultural conceptions of the transition do adulthood*. San Francisco: Jossey Bass; 2003. p. 33-49.
10. Nelson LJ, Badger S, Wu B. The influence of culture in emerging adulthood: perspectives of Chinese college students. *International Journal of Behavioral Development*. 2004;(28): 26-36.
11. Brandão T, Saraiva L, Matos PM. O prolongamento da transição para a idade adulta e o conceito de adultez emergente : Especificidades do contexto português e brasileiro. *Análise Psicológica*. 2012; (3): 301-313.
12. Arnett JJ. New horizons in research on emerging and young adulthood. In: Booth A, Brown SL, Landale, NS, Manning, WD, McHale SM, editores. *Early Adulthood in a Family context*. New York: Springer; 2012. p. 231-244.
13. Groppo LA. *Juventude: Ensaio sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: Difel; 2000.
14. Pais JM. *Culturas juvenis*. 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda; 2003.
15. Camarano AA, Mello JL, Pasinato MT, Kanso S. Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. *Última década*. 2004; (21): 11-50.
16. Leccardi C. Para um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. *Tempo social*, 2005; (17): 35-57.
17. Guerreiro MD, Abrantes P. Como tornar-se adulto: processos de transição na modernidade avançada. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 2005; (20): 157-212.
18. Guerreiro MD, Abrantes, P. *Transições incertas: Os jovens perante o trabalho e a família*. Lisboa: Comissão para Igualdade no Trabalho e no Emprego. Ministério da Educação; 2007.

Recebido: junho / 2014

Aceito: dezembro / 2014.